

TRIBUNA Livre

4
OUTUBRO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

Concubinato, Adultério & C.^a

Por EME

DE entre os casos raros em que a lei portuguesa não é eficiente para castigar actos pecaminosos, pode apontar-se o da mancebia, seja ela simples concubinato de pessoas solteiras, seja o caso, ainda mais grave, de adultério ou mesmo a monstruosidade do duplo adultério.

Um País que se orgulha de ser católico e realmente o é por tradição e de facto, deveria ao menos saber decalcar as leis instituídas em nações tradicionalmente protestantes e em que estes maus hábitos são punidos, como crimes, de acordo com a sua gravidade.

Deverá entender-se entre católicos que a lei não é mais do que a válvula reguladora dos bons costumes, sempre eficaz para refrear as más acções, que redundam em prejuízo da moral e da vida sã em sociedade.

E, parecendo à primeira vista que o «amor livre» é inofensivo e pode coexistir a par do «amor legal», não deverá por outro lado oferecer dúvida a ninguém que são valores antagónicos — irredutíveis inimigos que, em luta, geram perturbações sociais sem con-

ta, de desastrosos efeitos morais.

Diz-se que determinado casal vive em situação ilegal, mas não pode usar-se da lei para punir a ilegalidade; apresenta-se o adultério como um cancro social digno da maior repulsa, mas pratica-se avontade; faz-se bigamia (outra coisa não será o ter-se duas mulheres em comunhão de mesa, com duplo adultério à mistura), mas as autoridades deixam medrar a imoralidade sem lhe pôr o menor entrave. Leva-se no entanto à barra do Tribunal, por gestos e expressões obscenas, como horrendos crimes de «ofensas à moral», mas deixa-se sem punição o escândalo da mancebia, manifestamente mais nefasto, escola do pecado e da imoralidade.

(Continua na 2.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Está projectada a construção do cemitério e já foi pedida a respectiva comparticipação. Entretanto os enterramentos vão-se fazendo no adro, cujo muro de suporte é guarnecido de cruces de pedra, da via-sacra.

(Continua na 4.ª página)



O Miliário de Paredes Secas

O CONCELHO DE AMARES

PRESTOU SIGNIFICATIVA HOMENAGEM DE APREÇO E ADMIRAÇÃO ao ilustre Presidente do nosso Município

FEZ, no passado domingo, um ano, que, no Governo Civil do Distrito, foi dada posse ao Snr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena, do cargo de Presidente da Câmara Municipal do nosso Concelho.

Quis a Vereação do nosso Município apresentar-lhe as suas saudações pela passagem dessa data e para o efeito convidou, também, as demais autoridades do Concelho.

Acto simples, sem motivos de publicidade e resolvido pouco tempo antes, tudo levava a crer que se situaria dentro dos limites das coisas de timbre familiar, de concorrência limitada, como era, afinal, vontade dos organizadores e do homenageado.

Não foi, porém, assim, e aquilo a que assistimos foi, pelo contrário, a maior manifestação do género que até hoje vimos no nosso Concelho, toda ela demonstrativa do alto apreço e da admiração que as autoridades e

(Continua na 4.ª página)

A CÂMARA MUNICIPAL DE AMARES

Por meu intermédio, vem agradecer muito reconhecida a forma brilhante e cheia de carinho como todos os Amarenses acorreram e receberam o Ex.º Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, demonstrando altas qualidades de patriotismo e perfeita noção dos altos deveres de civismo e acolhimento, tão próprios das gentes do Minho.

Sua Ex.ª foi verdadeiramente penhorado e transmitirá a Sua Ex.ª o Senhor Presidente do Concelho as manifestações de que foi alvo.

Amarenses e Paços do Concelho, 27 de Setembro de 1958.

O Presidente da Câmara,

a) — D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena

CUMPRIMENTOS

que terminaram numa justa homenagem

Como noticiamos, fez na passada segunda-feira um ano que passou a paroquiar a freguesia de Ferreiros, matriz da Vila, o Reverendo Albino José Fernandes Alves, a cuja acção fizemos as elogiosas referências, que bem merece.

Julgamos que tudo ficaria por aí. Porém, na própria se-

gunda-feira, alguém se lembrou de o cumprimentar e transmitiu a intenção.

Pouco depois seguiam para a residência, mas nessa ocasião já se tratava de muita e boa

(Continua na 3.ª página)

Vida elegante

No passado dia 20 de Setembro, foi pedida em casamento para o nosso particular amigo sr. António de Azevedo Sá Coutinho Russell, digno funcionário da nossa Câmara Municipal, a menina Maria Idalina Alves de Oli-

(Continua na 3.ª página)

Brilhante Recepção

Ao novo pároco de Dornelas e Paredes-Secas

P. e Avelino dos Santos Antunes

No passado Domingo, dia 28, deu entrada solene na freguesia de Dornelas, deste Arciprestado, o seu novo pároco Padre Avelino dos Santos Antunes, da vizinha freguesia de Barreiros e muito conhecido em todo o Concelho, onde goza de gerais simpatias pelas suas altas qualidades já exuberantemente demonstradas.

A recepção demonstra, claramente, a profunda estima de que goza o novo pároco em todo o Concelho, constata da pela qualidade e número das pessoas presentes.

No limite da freguesia encontravam-se, para o esperar e formar cortejo até à Igreja, as

(Continua na 6.ª página)



BOURO

Apoteótica recepção a Sua Ex.cia o Senhor Ministro das Corporações

Conforme o já anunciado em diversos jornais, assim como também no último número deste semanário, o Senhor Dr. Veiga de Macedo, ilustre Ministro das Corporações, foi alvo de calorosa manifestação quando, na sua passagem em Bouro, no passado dia 25 de Setembro.

Aquele ilustre estadista, que apenas passava por aqui, recebeu no Largo do Terreiro, do brioso povo de Bouro, uma manifestação que, sem exagerar e sem a menor intenção de ofensa, superou todas as manifestações que recebeu na linha Gerês-Braga, mesmo nos locais onde sua Ex.cia vinha em visita oficial.

Passemos a relatar o que foi a manifestação:

Cerca das 17 horas, já enorme multidão estava concentrada no Largo, vendo-se em toda a faixa central da estrada (talvez 150 metros), um tapete artisticamente confeccionado, ladeado por ramos de arbustos e flores. À entrada no Largo, do lado norte, via-se um dístico com letras bem visíveis onde se lia: «O Povo de Bouro sauda o Governo da Nação». Entre a multidão, bem alinhados pela margem da Estrada, estavam as crianças da Escola, uma das quais empunhava a Bandeira Nacional daquele edifício. Estava também a Banda Musical de Bouro, cujo maestro é digno dos nossos agradecimentos, pela sua preciosa colaboração.

Cerca das 18 h. e 30 m., notou-se um agitar da multidão e deparamos com um grandioso cortejo automóvel, vendo-se à frente o carro que transportava o Senhor Ministro das Corporações. O cortejo parou e Sua Ex.cia saiu do seu automóvel para receber aplausos da multidão, que tão carinhosamente o recebeu. Após os cumprimentos ao Senhor Ministro, uma criança da Escola, lê ao microfone um breve discurso de saudação do povo de Bouro, lembrando os melhoramentos de que necessitamos, entre os quais o da electrificação.

Sua Ex.cia, com um agradável sorriso, agradece a manifestação que inesperadamente recebeu e prometeu interceder

junto do Senhor Ministro da Economia para que Bouro fosse electrificado.

Terminada a cerimónia, o Senhor Dr. Veiga de Macedo acompanhado de toda a sua comitiva, entre ela o Senhor Governador Civil de Braga e o Senhor Presidente da Câmara de Amares, atravessou a pé o Largo do Terreiro, calcando o tapete que se havia feito.

Durante o percurso, o povo dá largas ao seu entusiasmo, com vivas ao Senhor Presidente da República, ao Senhor Presidente do Concelho, ao Senhor Ministro das Corporações, ao Senhor Governador Civil de Braga e ao Senhor Presidente da Câmara de Amares.

Bouro, deu mais uma vez provas de quanto pode o seu bairrismo e que o seu povo está de alma e coração ao lado do Estado Novo.

Presidente do Município

Em nome do Povo de Bouro, aproveito as colunas deste Jornal, para felicitar o Ex.mo Senhor D. Nuno Luiz Carvalho Daun e Lorena, digníssimo Presidente do nosso Município, pela passagem do 1.º aniversário de sua posse naquele alto cargo.

Ao Ilustre Presidente, deseja o povo de Bouro muitas felicidades e que a sua figura esteja por longos anos ocupando o mais elevado cargo do concelho.

Uma obra que tem de completar-se

(Continuação da 1.a pág.)

Mais uma pessoa, digna a todos os títulos, que empresta a Deus tão valiosa quantia, dado que, dar aos pobres é emprestar a Deus, na certeza de vir a receber uma Graça.

Que o gesto desta Senhora e das outras pessoas que já contribuíram desperte todos os que têm e podem dar para que os nossos pobres sejam menos pobres.

QUO VADIS?!...

III

No desvario atroz deste universo vão,
A vida humana que é? Um mísero mercado!
Nele se vende o amor, a honra, o coração,
A troco de dinheiro: — o deus idolatrado!...

Vende-se, até, — que horror! — a santa religião,
Que Deus nos destinou por imortal legado!
Vende-se a consciência, a fúlgida razão,
A troco dum prazer efémero... malvado!...

E neste traficar de infames histriões,
Levanto a minha voz, clamando: Onde é que vai
Esta alcateia atroz de loucos .. de vilões?!...

Onde é que vais parar, ó sociedade impura?!
Quem é que te conduz, te entusiasma e atrai
Ao abismo, sem fim, da eterna sepultura?!...

29/9/958.

Rodrigues Carrazedo

Concubinato, Adulterio & C.a

(Continuação da 1.a página)

Isto, naturalmente, revolta o sentimento do povo, que procura fazer justiça por suas mãos mas depara com leis de interpretação clara que proibem actos de violência contra pessoas ou a simples e tradicional «assuada» ou «arruaça», usada outrora como punitiva de imoralidade.

O povo, que não sabe de leis mas percebe onde está a razão e conhece melhor de moralidade do que os juristas, entendeu que existia, algures, em Bouro (Santa Maria), um caso de monstruosa imoralidade e como tal o tratou, ao conduzir os pecadores públicos pela rua, atados, como o pecado os havia enlaçado. Será certamente falta de caridade, mas o povo não viu outra forma de pôr cobro ao desafêro, desde que não há processo legal, eficaz, para remediar o escândalo.

O caso já veio noticiado na secção de Vila Verde, deste Semanário, mas deformado, como mancebia praticada entre pessoas solteiras, mesmo assim moralmente condenável. O noticiário de Bouro, no número anterior, põe o facto a claro e situa-o como flagrante atentado contra «a moral pública»: uma adúltera, mãe de 5 filhos, entra num casal com 8 filhos e consegue que o chefe de família com ela pratique duplo adultério, sob o tecto conjugal em que se encontram mulher e filhos, vivendo, à violência, maritalmente, com duas mulheres — bigamia autêntica, mas disfarçada e sem punição legal.

A autoridade, certamente perante a passividade da lei em tais casos, não agiu, nem age, para exterminar o foco de infecção moral, infelizmente tão repetido por esse País fora, certamente, como triste sinal deixado em herança pelos devotos de «Allah» na sua passagem pela Península — fruto de intenso convívio entre cristãos e mouros, que por força do hábito misturam

a doutrina da Bíblia com textos do Alcorão?

Por êste caminhar, o valente íncola bourense, transformaria a sua casa em autêntico «harém» muçulmano, sem que as autoridades intervissem, porque a lei quase está a favor dos seus hábitos.

O povo é que, dando a sua sentença, puniu, melhor ou peor segundo a lei moral, mas redundamente mal segundo a lei civil, ou antes, segundo a lei criminal.

Não apoiamos inteiramente a ideia e deploramos a ineficiência na punição da mancebia, que deverá ser posta, quanto antes, fora da lei, seja ela de que natureza for. Vemos, no entanto, neste típico acto do povo de Bouro: a moral que, publicamente ofendida e retratada na alma popular, surge em pessoa a fazer justiça por suas próprias mãos!

EME

Goões

Depois de ter gozado as suas férias nesta freguesia, partiu no dia 30 de Setembro último para o Seminário de Braga, onde vai frequentar o 5.º ano, o seminarista Bernardino Rodrigues Saraiva.

Desejamos-lhe muitas felicidades e êxito nos estudos.

EDITAL

Nelson Pereira Cardoso, Juiz das Execuções Fiscais de Vila Verde.

Faço saber que no dia 15 do mês de Novembro, pelas onze horas, na Porta deste Tribunal se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que fôr oferecido, dos bens abaixo designados, penhorados a Francisco Alves de Sobreiro, Lage, para pagamento de Contribuição Industrial, Grupo C, do ano de 1958.

Designação dos bens: Um motor de marca Petter de combustível a gasóleo de 27 cavalos com 3 serras duas de mesa e um charrió uma garlopa com um limador e uma linha de eixo com vários utensílios que lhe dizem respeito para funcionamento, tudo no valor de 10.000\$00.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que se mandaram afixar nos lugares do estilo.

Vila Verde, 18 de Setembro de 1958.

E eu, César Augusto de Carvalho, escrevão o subscrevi.

O Juiz,

Nelson Pereira Cardoso

Carta de Condução de Bicicletas

Tenho verificado que uma grande parte dos pretendentes a tirar carta de condução de Bicicleta o vão fazer a outros concelhos (Como Terras de Bouro, Barcelos ou Braga) e não como deveria ser neste nosso.

Justificam a sua atitude com as facilidades que por lá encontram contra as dificuldades que a Secretaria da nossa Câmara lhes põe, como exigência de bilhete de identidade, etc.

Nada tenho como assunto. Pretendia apenas que fosse chamada a atenção do Sr. Presidente da Câmara para este caso, visto as exigências prejudicarem os cofres do nosso Município.

Creia-me, Sr. Director...

Leitor assíduo

Visado pela Censura

Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Gaetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

AUSPICIOSO ENLACE

No magestoso Santuário do Sameiro, realizou-se no pretérito Domingo o enlace matrimonial do nosso particular amigo sr. Joaquim José da Silva, ajudante de despachante na Alfandega do Porto, filho da S.^a D. Luisa Joaquina de Macedo e do conceituado comerciante desta vila, Sr. Joaquim António da Silva, com a prendada menina, Lúcia da Conceição de Sousa Ferreira, filha da S.^a D. Olívia da Silva e Sousa e do Sr. José Augusto Ferreira, abastados proprietários, residentes na vizinha freguesia de Prozelo, deste concelho.

Aparinharam o acto, que foi presidido pelo Rev. Pe. José Miranda, por parte da noiva, seu irmão Sr. José António Ferreira e sua Exma. esposa

D. Maria Judite Macedo Ferreira, e, por parte do noivo, o Sr. Dr. Avelino Manuel da Silva e sua Exma. esposa D. Maria Amélia Azevedo Silva.

Finda a soleníssima cerimónia religiosa, os noivos e os numerosíssimos convivas, dirigiram-se a um dos hotéis da formosa estância do Bom Jesus, onde lhes foi servido um luto banquete, a cujos brindes, enaltecera as suas qualidades e lhes dirigiram felicitações, os Srs. Pe. José Miranda, João Barbosa de Macedo e Dr. Avelino da Silva.

Na «corbeille» dos noivos, que retiraram em viagem de núpcias para o Sul, via se um conjunto de valiosas prendas.

Ao simpático e gentilíssimo casal, desejamos um porvir risonho e imensamente feliz.

Violenta agressão

Na madrugada do dia 28 do corrente, Domingo, registou-se no lugar de Ponte do Porto, da freguesia de Prozelo, deste concelho, uma agressão, da qual resultou a morte de um homem.

Pelas 0 horas e vinte minutos, João Fernandes de Vasconcelos e Joaquim de Abreu Martins foram ao referido lugar, bateram e empurraram a porta de Teresa Maria de Lima, pessoa de porteduidoso, dizendo palavras convidativas ao acto que queriam praticar.

Como o marido da referida Tereza, de nome José da Cunha, estivesse em casa, levantou-se e abrindo a porta, com o pau que a trancava desfechou uma paulada na cabeça do Joaquim Martins, a qual o prostou imediatamente. O Vasconcelos pôs-se em fuga, atirando ainda duas pedradas contra a porta da referida casa.

O dono da casa, depois deste acto, fugiu para o Porto, sendo pouco depois capturado pela Polícia desta cidade.

O ferido foi conduzido com urgência à Casa de Saúde desta vila e daqui para o Hospital de S. Marcos de Braga, onde, devido à fractura do crâneo e demais ferimentos melindrosos, falecia pouco depois.

DE LAGO

Abertura

Assistimos no curto espaço de três dias a dois actos políticos que merecem realce. Referimo-nos à recepção ao Ministro das Corporações, na sua visita de inauguração da Casa do Povo de Amares, e aos cumprimentos ao Presidente da Câmara, com motivo na passagem do primeiro aniversário da sua posse.

A recepção foi grandiosa, entusiástica. Em Bouro foi surpreendente.

O pedido desta freguesia, justo pedido, deveria ser atendido. Merece-o.

Eis uma realidade: O Ministro foi agradavelmente impressionado com o Povo de Amares.

Os cumprimentos ao Presidente da Câmara demonstraram, exuberantemente, quanto a obra e figura do Sr. D. Nuno é respeitada e admirada, quer no Concelho, quer fora.

Quando foi possível, no Concelho, recepção tão grandiosa?

Quando se realizou, a um Presidente da Câmara de Amares, manifestação tão significativa?

Cumprimentos que terminam numa justa homenagem

(Continuação da 1.ª pág.)

gente, o melhor da freguesia, o mesmo que é dizer, uma boa parte das pessoas de representação no Concelho.

Na residência, o ilustre sacerdote via-se rodeado pelos sr. dr. Eduardo Gonçalves, presidente da Comissão Concelhia da U. N. e subdelegado de Saúde; dr. Manuel Arantes Rodrigues, Conservador do Registo Civil e Provedor da Santa Casa da Misericórdia; João Barbosa de Macedo, secretário da mesma instituição; Paulo Barbosa de Macedo, Domingos Rodrigues, José Manuel de Macedo e António Gonçalves de Macedo, respectivamente, presidente, vice-presidente, 1.º e 2.º secretário e comandante da Associação dos B. Voluntários; Padre Avelino dos Santos Antunes, pároco de Dornelas; José Gil de Macedo e Mário António Ramos de Azevedo, presidente e secretário da Junta de Freguesia; António Bernardino Barbosa de Macedo, presidente da A. G. da Casa do Povo, José Barbosa de Macedo, Manuel Janela e João Gonçalves, da Direcção do F. C. de Amares; Joaquim José de Macedo e José Joaquim da Costa Azevedo, presidente e tesoureiro da Caixa de Crédito Agrícola; Álvaro de Araújo Gomes, vogal do Conselho Municipal; António

Fernandes de Macedo, da direcção da Sopa dos Pobres; Joaquim Barbosa de Macedo, vogal da U. N.; D. Estela Arantes Menezes, José dos Santos Menezes, António Augusto de Macedo; os estudantes universitários: Paulo Rebelo Barbosa de Macedo e Augusto Justiniano Gonçalves Rodrigues; Narciso Gonçalves, aspirante de finanças; Jaime Barbosa de Macedo, Jaime de Abreu Dias, etc.

O sr. dr. Manuel Arantes Rodrigues usou da palavra para dirigir ao seu pároco as mais elogiosas referências, focando a sua acção como delegado da «Caritas» e como membro da Mesa da Santa Casa e ainda como pároco. Disse do contentamento geral da freguesia e fez votos para que continue por muitos anos como seu e nosso pároco.

O sr. dr. Eduardo Gonçalves disse quanto o tem impressionado a acção do sr. Padre Albino para com os pobres, mostrando-se sensibilizado também com o apuro com que exerce as suas funções e se comporta na sociedade.

O sr. João Macedo também dirigiu algumas palavras ao homenageado, findo o que todos os presentes o cumprimentaram e abraçaram, numa manifestação que se revestiu, de princípio, da maior simplicidade, e foi afinal impressionante de significado.

Justa consagração, de um sacerdote exemplar em todas as facetas que a sociedade o possa julgar.

HUMORISMO

Lógica Infantil

- Alice, levanta essa cadeira que deitaste ao chão.
- Desculpe, mamã, não é justo que para levantar do chão uma cadeira que tem quatro pernas se incomode uma menina que só tem duas.

Na Escola

- Como se chamam as mulheres da Polónia?
- Polacas.
- E da Estónia?
- Estacas.

Solução

- Mamã, eu queria mais pudim!
- Não Luizinho. Não comes mais pudim porque te faz mal. Ele é de banana e por isso é muito pesado.
- Não faz mal, mamã, eu peço com as duas mãos.

Vida elegante

(Continuação da 1.ª página)

veira, de S. Simão de Novais, famalicão, professora oficial, distinta.

A noiva é filha do falecido industrial famalicense sr. Joaquim de Oliveira e da sra. D. Idalina Alves de Oliveira, as quais vivem em S. Simão de Novais, e o noivo é filho da sra. D. Maria Manuela Sá Coutinho Russell e do sr. Adão Arantes Russell, vice-presidente do nosso Município e bem conhecidos nos meios sociais do nosso Concelho.

Para o efeito, a família do noivo deslocou-se à casa dos pais da noiva, sendo recebida pela mãe da noiva, pelo irmão Francisco Alves de Oliveira e esposa D. Maria da Conceição Carvalho da Costa Oliveira, de Famalicão; as irmãs D. Bambina Alves de Oliveira e marido Domingos Alves de Sá Mendes Leite Machado; D. Maria Celeste Alves de Oliveira e marido Luis Maria da Silva Nascimento; Miquelina Alves de Oliveira, enfermeira, seu primo Francisco Alves Rodrigues é o Pároco da Freguesia.

O pedido foi transmitido pelo pai do noivo ao irmão da noiva, sr. Francisco Alves de Oliveira, em virtude de seu pai haver falecido, razão, também, pela qual o acto se revestiu da maior intimidade.

Ao "copo d'água," deliciosa e ricamente servido na magnífica resi-

dência da noiva, falou o pároco da freguesia que traçou o perfil admirável da família da noiva, arreigada nos princípios cristãos, dada ao trabalho e possuidora das maiores virtudes morais, referindo, em especial, às altas qualidades da noiva, já exuberantemente demonstradas. Respondeu-lhe o sr. João Macedo, fazendo as mais lisonjeiras referências à família do noivo, findo o que, se trocaram vários brindes.

Aproveitamos o ensejo para felicitar os noivos e lhe exprimir o nosso profundo desejo das maiores venturas no novo lar que vão constituir.

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — a menina Maria Alice Amorim Arantes Rodrigues.

Amanhã — a menina Olívia Arantes da Costa e as senhoras D. Albertina Machado Ribeiro e Lisdália Abreu Dias Vieira.

Segunda-feira — as gentis meninas Elisa Severina Martins Dias e Maria Fernandes de Oliveira e Silva e o sr. Padre Manuel Joaquim Alves da Lomba.

Terça-feira — a menina Olímpia Rebelo Macedo.

Quarta-feira — a menina, Maria João Calheiros Marques, e o sr. António José Machado.

Quinta-feira — as sras. D. Julita Mendes Tomé e Maria Isabel Dias.

Sexta-feira — a menina Tereza Arantes Menezes e o sr. José da Conceição Martins Victoriano.

Visado pela Censura

O Concelho de Amares

*prestou significativa homenagem
de apreço e admiração*

ao ilustre Presidente do nosso Município

(Continuação da 1.ª página)

demais pessoas gradadas do Concelho nutrem pelo seu esforçado e diligente Presidente da Câmara.

De facto, não só estavam todos aqueles que têm lugares de representação política ou social no Concelho, como muita gente de todas as classes; e também de fora do Concelho vieram pessoas das mais ilustres dentro das actividades Distritais. Além disto, do que todos se aperceberam, foi da unanimidade com que o primeiro Magistrado do Concelho foi louvado por todos e de todos recebeu as homenagens sinceras de admiração e apoio por aquilo que tem feito.

Cerca das dezassete horas, o Sr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena entrou no salão nobre dos Paços do Concelho vendo-se então, à sua direita, o Sr. Dr. Felicíssimo Campos, Presidente da Junta de Província do Minho; o Sr. António Maria Santos da Cunha, Presidente da Câmara Municipal de Braga; o Sr. Evaristo Corais, Presidente da Câmara de Terras de Bouro; Eng. António Lacerda, deputado; D. Miguel Sottomayor, Dr. António José da Costa, Eng. Armando Martins, Director de Estradas; e à esquerda, o Sr. Dr. Eduardo Gonçalves, Presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Dr. Manuel Arantes Rodrigues, Conservador do Registo Civil; Adão Arantes Russell, Vice-Presidente do Município; Padre Lago e Costa, Arcipreste de Amares; Padre João de Freitas, Padre Albino José Fernandes Alves, Padre Avelino dos Santos Antunes, Dr. João Arantes Rodrigues, Dr. José António Fernandes, Dr. Aristides Marques Vilela, Paulo Barbosa de Macedo, Presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários; Dr. Frederico Serrão, Sr. Delegado Escolar. Vereadores: Artur Manuel da Cunha, Domingos Rodrigues, José dos Santos Mota e Alexandre Oliveira, José Cardoso Figueira, António Alves da Mota, António Alves Dias Leite, Luiz Arantes Rodrigues, Joaquim Ferreira, Mário Almeida, etc.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o Sr. Adão Arantes Russell, Vice-Presidente do Município, que entre outras coisas disse:

FALA O SR. ADÃO ARANTES RUSSELL

«Em nome da vereação deste Município e em meu nome pessoal, felicitações. Os desejos sinceros de que continue e acabe a obra que encetou.

Sei muito bem, por ser o mais próximo colaborador de V. Ex.^a, quantas canseiras, quantas horas roubadas à vida particular de V. Ex.^a, e como não podia deixar de ser, quantas contrariedades lhe tem custado já o lugar de Presidente da nossa Câmara.

Em compensação, Sr. Presidente, pode V. Ex.^a estar certo, como prémio do esforço de V. Ex.^a, procurando servir a todos, tendo para todos palavras amigas, fruto da inteligência e esmeradíssima educação de V. Ex.^a, não se furtando a dar satisfação às legítimas aspirações de todas as freguesias, mesmo as mais distantes, que, o nosso Concelho está com V. Ex.^a de alma e coração. Está, porque o nosso povo é bom, está porque o nosso povo é e sabe ser grato, sendo-o mais ainda para todos aqueles que, guindados a postos de mando, sabem compreender a sua linguagem. A prova mais concludente da minha afirmação é, Sr. Presidente, a manifestação espontânea que, na passada 5.ª feira, em Bouro e Amares, S. Ex.^a o Sr. Ministro das Corporações teve. Festejou-se a vinda do Sr. Ministro ao nosso Concelho e foi-lhe dito, indirectamente, que a Revolução Nacional, com homens como V. Ex.^a à frente dos Concelhos, tem que continuar.

Não sou homem para discursos e já me alonguei demasiadamente.

Renovo-lhe, Sr. Presidente, a promessa feita, a quando da minha posse, de servi-lo com lealdade.

Não estou vinculado ao lugar, não tenho pretensões nem sou político, vivo para a família e, como *Rei ou Vassalo, é feliz quem tem paz e amor em sua casa, eu sou feliz.*

Um abraço Sr. Presidente».

Terminadas as palmas que coroaram as palavras do orador, falou o Sr. Dr. Eduardo Gonçalves, Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional que afirmou:

FALA O SR. DR. EDUARDO GONÇALVES

«Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara e Ex.^{mas} Autoridades eclesiásticas, minhas senhoras e meus senhores.

Pessoalmente e na qualidade de Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, convidado nesta qualidade para este acto, apresento a V. Ex.^a, Sr. Presidente da Câmara, respeitosos cumprimentos e

cordeais saudações. Simultaneamente aproveito esta oportunidade para manifestar o meu anseio muito sincero pela permanência de V. Ex.^a, na Presidência da Câmara; e revelo esta aspiração por estar convencido que muito de proveitoso haverá com isto. Num ano apenas de administração dos bens públicos, pelas facilidades concedidas aos que pretendem o enriquecimento do seu Concelho pelo trabalho, e estes serão sempre os melhores colaboradores de V. Ex.^a, vemos já no seu activo realizações que durante muitos anos não foi possível obter. E se não tem mais e em todas as actividades, disto são responsáveis todos aqueles que pela sua inércia, despeito ou paixão doentia, não se aproximam de V. Ex.^a. Porém, a realidade dos factos se encarregará de destruir esta defeituosa interpretação das coisas e das virtudes do homem cujos sãs e rectilíneas intenções, a par da sua esmerada educação, nos impõem a obrigação de o respeitar e ajudar. É o problema de Amares, isto é, o de todo o Concelho que está em causa e para o resolver é necessário que todos os homens de boa vontade se convençam da imparcialidade do Presidente da sua Câmara e vejam nele o homem capaz de levar a bom termo e com equidade, todas as nossas aspirações. Eis Sr. Presidente da Câmara o que, com sinceridade e sentimento de filho deste Concelho, decidi trazer ao conhecimento de V. Ex.^a e tornar bem público».

Finda a ovação ocasionada pelas palavras deste orador, falou o Sr. Dr. António José da Costa, nosso Director e Comandante do Núcleo da Legião Portuguesa de Amares:

FALA O SR. DR. ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

O seu discurso é um hino de exaltação às qualidades do Sr. Presidente do Município que, como disse, alia à sua nobreza de sangue a nobreza de de trato, afirmando-se pela maneira atenta como recebe todas as pessoas, a todos fazendo por atender o melhor possível sem ter em conta a condição social de cada um.

Refere as facilidades por ele dadas para que o concelho entre num período de realizações e diz da esperança que todos depositam na sua administração, que já se revelou altamente útil para o Concelho.

Termina por lhe oferecer a continuidade da leal colaboração da imprensa local e do organismo patriótico que chefia e por fazer votos pelas suas felicidades pessoais e políticas.

FALA O SR. ARCIPRESTE

O Sr. Padre Lago e Costa, Arcipreste de Amares.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

Tinha esta freguesia, em 1706, uns 30 vizinhos; em 1875 andava por 49 com 227 almas; de presente uns 68 fogos por 360 habitantes.

Na posse de um lavrador existe uma sepultura de pedra, à qual chamam a *carneira* (de carne) e serve de pia para queimar cal. Também há por aqui mós e pés de moinho de cereais, do tempo dos Romanos; um capitel ou base de coluna, de antiquíssima edificação, objectos encontrados no sítio conhecido por Majoje, onde aparecem outros restos de materiais de construção romana.

Passa por aqui a Geira e sobre o leito do ribeiro da Pala foi recentemente descoberto um fragmente de miliário, enorme pedregulho roliço, que galgou da margem da quebra via pela enconta abaixo e ali ficou de borco, como a esconder a face, a poupar a inscrição das vergastadas do tempo.

Quando se tratar do que se encontra em Vilela, também este merecerá mais pormenorizada referência.

Paredes-Secas não tem passal nem residência; aqui viveu e morreu um dos mais famigerados compradores destes imobiliários da igreja.

Nas Inquirições de 1258-*incollatione Sancti Michae-
lis de Paredes Secas... e onrada per coutos et per divi-
soes et non fazem foro al Rey.*

PORTELA

Está situada em declive, na vertente meridional de S. Pedro-fins para o Homem.

Abrigada do norte, é abundante de todos os cereais da região e produz boa laranja e vinho verde.

Compõe-se dos lugares da *Igreja, Cima de Vila, Cabo de Vila, Vila Pouca, Suco, Monte e Cernado.*

E, já que aqui se insiste na palavra «vila» por nome e definição dos lugares em que se distribuiu a freguesia, eis o exemplo prático como da primitiva «villa» ou «casa de campo» do grande proprietário romano, com seus colonos e servos da gleba, se organizou de fundo, desenvolveu e aperfeiçoou através dos séculos este magnífico quadro e esquema da vida paroquial, que se vai perpetuando e enriquecendo em bases e instituições cada vez mais firmes pelos tempos fora.

(Continua no próximo número)

diz da satisfação que sente em estar ali naquele momento e refere-se também às grandes qualidades do Sr. Presidente do Município. Lembra a grande manifestação que a freguesia de Bouro tributou ao Sr. Ministro das Corporações, no dia 25 de Setembro findo e o pedido feito ao Sr. Ministro pela electrificação da zona nascente do concelho, sua grande e premente aspiração.

No seu magnífico improviso, o Sr. Padre Lago e Costa teceu largas considerações sobre as necessidades da sua terra, para a qual pediu a melhor atenção e exaltou as qualidades do Sr. Presidente, que admira profundamente.

FALA O SR. PRESIDENTE DA CÂMARA

Finalmente falou o Sr. D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena que começou por afirmar que depois desta manifestação lhe apetecia dizer somente *acreditem em mim*, pois se sentia agradecido e comovido com tudo o que acabava de ver.

Que não tem feito mais do que tentar receber o melhor possível as pessoas e que o resto que lhe atribuem é fruto do grande coração

das pessoas que se lhe referiram.

Que estas palavras ouvidas lhe trazem coragem, no entanto; ele é o primeiro a pensar que até agora quase nada foi feito, com o que a assistência disse não concordar.

Que a terra só ganha em se facilitarem licenças que a lei rodeia de formalismos para que o progresso se verifique.

Que não quer que pensem que apadrinha mais uns do que outros e que sempre tem procurado e procurará servir a todos por igual, a todos pedindo que se unam, pois são *tão pequeninos e tão refilões uns para os outros.*

Terninou prometendo continuar com todos os esforços para bem servir o Concelho, recebendo, no fim, uma grande ovação e os cumprimentos e saudações de todos os presentes.

Enviaram telegramas de felicitações: Dr. Júlio Formigal, Dr. Luis Assis Teixeira, Dr. Ortigão de Oliveira, Presidente da Junta de Turismo de Cadelas, Presidente da Junta de Amares, Conselho de Administração da Empresa das Águas de Cadelas, Domingos Rodrigues, Arnaldo da Silva Tomé, António José da Silva, Paulo Silva e António Silva.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

I

TERRAS DE BOURO

Esta dominação «terra ou terras de Bouro», ainda vigente e talvez única na orgânica administrativa e política do país, é profunda e tipicamente de verdadeira remanescência medieval, por isso mesmo digna de manter-se como raro monumento e recordação de velhos usos, costumes e instituições que o tempo tem consumido; entre outros merecimentos, que não-de deduzir-se do desenvolvimento desta história, este em especial lhe dá o direito de aturada subsistência.

Antecede de muito, em organização, a da vida nacional e tanto lhe valeu coucorrer para este extraordinário empreendimento com o melhor de suas forças.

Há quem inútilmente se demore na apreciação da diferença de «terra» para «terras», ou seja, do singular para o plural.

Pois nada determinou essa mudança nem se operou abruptamente; evoluiu, prevalecendo por simpatia a 2.ª forma, como traduzindo melhor o sentido da ideia que representa.

De tota terra quam judicat Pelagius Pelagiz judex de Burio — já antes se disse e nunca é demais repeti-lo — que ao proceder-se, em 1220, aos primeiros ensaios e tentativas de uma divisão territorial, para saber-se dos direitos que o Rei tinha por diferentes circunscrições que haviam de preceder a futura organização municipal (e esta logo vem a definir-se par e passo com a vida nacional), Bouro aí se apresenta como sede ou capital de um grande distrito, isto é, contando com nada menos de umas 70 freguesias, suas sufragâneas.

Querem alguns dizer que se tratava de uma situação transitória. Efectivamente ela durou até acabar e só nesta parte têm razão.

A circunstância de já anteriormente terem existência como pequenas circunscrições as terras de Larim, Vila-Chã e Regalados, então a perderem e ficarem sob a tutela de Bouro — isto mais reforça asserção de quanto subiu, entre os séculos XI a XIII o poderio estratégico e político da «terra de Bouro».

Motivo desta sua supremacia e inequívoca preponderância — a excepcional posição e configuração geográfica — este relêvo que permitiu a seus habitantes resistir a todos os assomos de povos invasores, imporem-se-lhes a dentro de velhas leis e costumes por que se governavam em poderosa e coesa unidade, sob o lema de *um por todos e todos por um*; preparar de longe o movimento de expansão nacional que a seu tempo se verificou: eram estes montes verdadeiros alfobres de ricos-homens e cavaleiros nos quais residiu a fôrça e logo, em triunfantes caminhadas guerreiras, foram libertando as terras do sul da teimosa moirama que mal se atreviu a alcançar estas alturas com suas constantes arremetidas; ao mesmo tempo cerrar para sempre uma entrada (*Portela*) corredor sempre patente e franqueado a maus ventos e tempestades que daquele lado vizinho sempre se esperavam.

E assim se prova que já antes e sob a alçada das monarquias galegas viveram em relativa tranquilidade, vigiando a distância, e talvez mais malquistos dos monarcas cristãos que dos próprios infiéis; daí o desejo e ansiedade de conquistar uma autonomia, uma independência que de mui fundo se denota nas principais características dos antigos povos destas culminâncias montanhosas.

Ao tratar-se, porém, de mais circunstanciadas e rigorosas *inquirições*, em 1259, logo aí encontramos o velho *Judicatu de Boyro* muito reduzido, isto é, a corresponder aproximadamente aos actuais limites e freguesias de Terras de Bouro, incluindo então as que constituíram o *couto* do respectivo mosteiro, depois concelho de Santa Marta, de onde, uma vez extinto (1853) e após um pequeno período de hesitação, passaram finalmente (1855) para o seguinte.

Dele se desmembraram então (1258) quatro julgados: o de *Entre-Homem e Cávado* que sobrevive sob a designação de *concelho de Amares* e continua-se nele o outo de Rendufe; os julgados de *Regalados, Larim e Vila-Chã* que actualmente constituem a melhor parte do ora *concelho de Vila-Verde*. Quer dizer, após factos e circunstâncias muito longas de contar e facilmente não-de deduzir-se do conjunto deste trabalho, esta última vila, como sede da comarca a que preside, goza das honras, regalias e privilégios, pelo menos da projecção e largueza que em seu âmbito muitos séculos antes, pertenceram a Bouro com cabeça destas terras.

(Continua no próximo número)

INAUGURAÇÃO da Casa do Povo do Gerês

Foi dado o devido relevo, na imprensa diária, às cerimónias de inauguração da Casa do Povo do Gerês, mas não pudíamos deixar em branco tão importante acontecimento na vida de Terras de Bouro.

Cerca das 17 horas, o Snr. Dr. Veiga de Macedo chegou a Rio Caldo e ali foi recebido com entusiásticas manifestações de carinho e admiração, em que se salientavam os trajes regionais envergados por raparigas geresianas. Banda, crianças das escolas, o povo e uma excelente representação oficial dispensaram animada recepção ao Snr. Ministro, depois do que, se procedeu à benção das instalações e se improvisou a sessão solene, em que usaram da palavra o Snr. Presidente da Câmara, Snr. Evaristo Corais, o Presidente da Casa do Povo, Snr. Abel José R. da Costa Lopes e finalmente o Snr. Ministro das Corporações.

Do entusiástico discurso do Snr. Presidente da Câmara, transcrevemos a seguinte parte, que nos pareceu mais saliente, por falta de espaço para o reproduzirmos na íntegra, como merecia:

Senhor Ministro:

A'ém desta modesta mas significativa inauguração para a comemoração do quarto de Século do Estatuto do Trabalho, desejava pedir-lhe, assim como a todas as entidades que colaboraram nesta obra, que fossem dadas possibilidades à Casa do Povo de Covas para que seja construída imediatamente a sua sede, visto esta estar instalada em péssimas condições em relação à sede do concelho e ainda por me parecer que muito contribuiria para o entusiasmo de outras, mesmo das freguesias que, até à data, se têm recusado à fundação de tais organismos, pois Covas é lugar que todos os municípios visitam permanente e obrigatoriamente.

Também quero deixar uma palavra sobre habitações para classes pobres, que talvez pela modestia dos seus recursos, no nosso Concelho ainda se não conhecem.

Para terminar peço licença para lembrar que seria de corrigir o nome desta Casa do Povo, pois tendo a sua sede em Rio Caldo, não faz sentido que se lhe chame do Gerês, até porque estou certo que o Gerês terá, logo que possível, a sua Casa do Povo privativa e seria desagradável ter de lhe pôr outro nome. Aqui deixo a lembrança.

A'Imprensa em geral, que tantas vezes tem demonstrado o carinho que dedica a estas Terras de Cura, Repouso e Turismo, também desejamos manifestar-lhe o nosso reconhecimento e pedir-lhe que conti-

nue a lembrar, a quem de direito, as nossas necessidades.

A todos peço desculpa e agradeço a amabilidade de me terem ouvido».

O Snr. Presidente da Casa do Povo saudou S. Ex.ª o Ministro, agradeceu à Junta Central das C. do Povo e à Hica e ao Snr. Ministro as facilidades recebidas para realização daquele importante empreendimento e salientou os benefícios que traria aos povos que abrange.

Passou em seguida a usar

da palavra o Senhor Ministro que, depois de agradecer as manifestações de apreço recebidas, focou com clareza alguns pontos de grande interesse para a vida rural e das C. do Povo, entre os quais, o fomento da habitação nos meios rurais, que pediu ao Senhor Delegado do Inst. N. do Trabalho procurasse desenvolver, e a integração das freguesias, que ainda não dispõem de C. do Povo, na respectiva Federação recentemente criada, por forma a prestar-se toda assistência possível aos trabalhadores do campo.

E terminou a sessão por entre entusiásticos vivas e salva de palmas.

DESPORTO

O Nacional da 1.ª Divisão visto por dentro

Assim como a passada, esta 3.ª jornada do Nacional foi também uma jornada cheia de surpresas. Perante os resultados nela apurados mais calorosamente podemos alimentar a esperança de que este campeonato de 1958-1959, será o campeonato das surpresas. Assim, e com grande agrado de todos os desportistas, podemos verificar que os grupos ditos de segundo plano, cada vez se aproximam mais dos quatro considerados grandes.

As equipas do segundo plano, embora com uma reserva menos eficiente que a dos clubes, o que constitui a sua grande dificuldade, têm-nos esperanças num campeonato cheio de emoção.

Assim, nesta 3.ª Jornada, podemos destacar as grandes surpresas dadas pelo Caldas, Guimarães e Cuf, que em casa estranha foram obter magníficos êxios, perante um Belenenses, um Barreirense, que em casa constituiu um grande quebra cabeças para qualquer uma das grandes equipas, e um Braga bem moralizado, mas que confiou em demasia.

Nos outros encontros, nada de anormal se registou, pois os resultados obtidos não foram além daquilo que se previa.

Os resultados obtidos nesta 3.ª Jornada foram os seguintes:

Porto, 1-Sporting, 0
Benfica, 5-Académica, 0
Braga, 1-Cuf, 2
Belenenses, 0-Caldas, 0
Setúbal, 2-Lusitano, 1
Barreirense, 1-Guimarães, 2
Torriense, 2-Covilhã, 1

Classificação

Equipa	Pontos
Benfica	5
Setúbal	5
Porto	5
Braga	4
Torriense	4
Guimarães	4
Belenenses	3
Cuf	3
Covilhã	2

Sporting	2
Caldas	2
Académica	2
Barreirense	1
Lusitano	0

J. M. Fernandes

O vaticínio anterior

Os leitores ao tomarem conhecimento dos resultados da passada jornada, procuraram o nosso semanário de críticas e actualidades, começando por comentar o falhanço espectacular nos palpites que arriscamos aos encontros do passado domingo. Puro engano. Se pensaram que o falhanço foi inteiramente nosso, enganaram-se redondamente. E sabem porquê? A razão é fácil de explicar. Nós não falbamos totalmente, mas assim o Sp. de Braga, Barreirense, Belenenses e até o próprio F. C. do Porto, que não ganhou para susto. Verifiquem se temos ou não razão. Temos concerteza, mas se não se conformarem com o nosso argumento procurem os apaixonados dos clubes que acima referimos e terão a certeza de que os seus agrupamentos falharam em todos os capítulos.

O vaticínio para o próximo domingo

A quarta jornada torna-se nos um pouco difícil de vaticinar aliás como em quase todos os jogos o é, mas já que principiamos não queremos agora dar parte de fracos, e aí vai mais um prognóstico com o pedido de não copiarem pois podem receber uma decepção. Vamos ao prognóstico.

Guimarães, 2-Braga, 1
Lusitano, 2-Torriense, 0
Sporting, 4-Setúbal, 1
Cuf, 1-Porto, 1
Caldas, 3-Barreirense, 1
Académica, 2-Belenenses, 1
Covilhã, 1-Benfica, 0

M. Janela

Novo pároco de Dornelas e Paredes Secas

(Continuação da 1.ª página)

associações religiosas e autoridades das freguesias que vai paroquiar, além de muito povo. Compareceram também para se associarem à recepção o sr. D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena, presidente da Câmara; António Maria Santos da Cunha, presidente da Câmara de Braga; Dr. Felicíssimo Campos, Presidente da Junta de Província do Minho; Dr. Eduardo Gonçalves, presidente da Comissão Concelhia da U. N.; Dr. Arantes Rodrigues, conservador do Registo Civil; Dr. Avelino Manuel da Silva, presidente do Grémio da Lavoura; Adão Arantes Russell, vice-presidente da Câmara; Dr. António José da Costa, nosso director; Paulo Barbosa de Macedo, presidente da As. dos Bombeiros Voluntários; quase todo o clero do concelho com o seu arcepreste Padre Lago e Costa, D. Estela Menezes, D. António de Azevedo Sá Coutinho, José Manuel de Macedo, António e Joaquim Barbosa de Macedo; José João da Silva Ramoa, Narciso Gonçalves, José Joaquim da Costa Azevedo, professores do Seminário, etc.

O cortejo iniciou a sua marcha ao som de vivas ao novo pároco e enquanto os foguetes estrelavam no ar.

Junto da Igreja, muito povo voltou a victoriar o seu novo pároco, seguindo-se uma missa vespertina celebrada pelo sr. Padre Avelino Antunes.

O sr. Arcepreste leu a carta que nomeia o ora empossado e uma carta que lhe foi dirigida por S. Ex.ª Reverendíssima o sr. Arcebispo Primaz, em que as altas qualidades

do sr. Padre Avelino Antunes são referidas de forma clara, a demonstrar a muita estima em que o Prelado o tem.

No final o empossado recebeu os cumprimentos de todos os presentes e pode ver quanto o Concelho o estima. De resto, o sr. Padre Avelino Antunes é figura bem conhecida no Concelho e fora dele por se ter manifestado sempre um sacerdote inteligente, afável, de um apuro moral irrepreensível

Activo e diligente, muito há a esperar das suas actividades dentro do nosso Concelho, que desta maneira vê o seu clero prestigiado e engrandecido, atendendo às muitas qualidades do novo membro que agora recebeu.

Felicitemos o empossado e, pela magnífica aquisição agora feita, o clero do nosso Concelho, pelo qual temos a maior estima e veneração, sempre demonstradas.

Automóveis de Aluguer

DE

José António Vieira

Carros de 4 e 6 lugares

Telef. 65130 (na residência)

Termas de Caldelas

Falta de espaço

Pedimos desculpa aos nossos estimados colaboradores, cujos originais não puderam ser incluídos neste número, por absoluta falta de espaço.

TRIBUNA DE VILA VERDE

Delegado: JOÃO VILELA

AO SENHOR A. FERNANDES Muito digno correspondente de «Tribuna Livre» em Bouro

Respondendo ao meu illustre confrade que me pede para substituir a frase «foram presos os quatro meliantes», naquele triste caso que a que mereceram «Panorama Social» de 20 do corrente, vou fazê-lo por dois motivos: Primeiro porque o senhor A. Fernandes, apesar de nos não conhecermos, foi de uma correcção cavalheiresca, própria de pessoa bem educada, e, segundo, porque de facto há frases que merecem ser substituídas, por mal compreendidas, para que o assunto seja posto no seu devido pé.

Como V. Ex.ª muito bem sabe, estamos sempre sujeitos a informações erróneas; e, como nem sempre assistimos pessoalmente aos factos, somos obrigados a aceitar como boas as informações que nos dão, quando fornecidas por pessoas idóneas como neste caso aconteceu, e para isso não há que esperar pela notícia dos dignos correspondentes locais, quando se trata de informações presenciadas por pessoas estranhas ao meio, a quem repugnam certos actos como aquele que se verificou em Bouro, no dia 14 do mês passado, ao qual o sr. A. Fernandes, se referiu já, com absoluta repugnância.

Vamos, portanto, fazer a substituição pedida pelo nosso confrade sr. A. Fernandes.

Para podermos aquilatar da veracidade das informações que nos foram dadas, das quais

aliás nunca duvidamos, procuramos o motorista em questão, isto é, o motorista que nos procurou para nos contar a triste cena referida na nossa crónica, e o mesmo sr. referiu o que foi escrito, e agora com mais pormenores, excluindo simplesmente a «frase» «prendemos os quatro meliantes» que nós confundimos com a «declaração» prestada na Guarda de Amares contra quatro «meliantes».

Ao nosso pedido para rectificar as suas informações, por aquele nos foi dito:

— Que estando com os seus clientes a tomar qualquer bebida num estabelecimento, sito no largo de Bouro, junto à estrada que dá acesso à Senhora da Abadia, chegara ali um rapazola qualquer e dissera: Vem ai fulano e a amante presos com cordas e com uma lata atada ao rabo;

— Que os arreatas chegaram apoz o aviso do tal rapazola, vindos do lado do Gerês e atravessaram todo o largo na direcção Poente, a caminho da casa do pai do arreitado, com um acompanhamento de grande multidão de pessoas que os viaavam pela má acção que tinham praticado;

— Que ele motorista deixara no estabelecimento referido os seus clientes e foi em auxílio dos dois desavergonhados e os ajudou a libertar-se das cordas, na ocasião em que o pai do meliante lhe tirava a lata, e que este, julgando o motorista

cumplice no acto, o invecivou fazendo menção de lhe dar com a lata;

— Que ele motorista, se dirigira a um estabelecimento a fim de comunicar pelo telefone com a Guarda Nacional Republicana de Amares, dando conta da ocorrência, a que o dono do referido estabelecimento tentou pôr-se, exigindo que o referido motorista e os seus companheiros assumissem a responsabilidade da deslocação da Guarda ao local da ocorrência;

— Que os arreitados não foram libertados das cordas pelos quatro indivíduos que os ataram porque nem presentes estavam, segundo a confissão do mesmo arreitado;

— Que todas estas declarações foram prestadas ao Com. te do Posto da G. N. R. de Amares, onde poderão ser compulsadas, visto o seu nome e o dos dois companheiros, constar das averiguações a que procedeu o Com. te do referido Posto. Como V. Ex.ª vê, meu caro confrade, as informações ora prestadas, ainda são mais concludentes, exceptuando a prisão dos quatro da façanha que foi lapso deste seu amigo, pelo que faço aqui a devida rectificação, bem assim as frases «facinoras e meliantes» que colectivamente proferi, devolvendo-as ao «monstro» que se não lembra dos oito filhinhos e esposa que tem para sustentar e que legitimamente lhe pertencem.

Como julgo ter posto o caso no seu devido pé, subscrevo-me, como amigo certo, ao dispôr.

D.

Folhetim de «Tribuna Livre», 86

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

O primeiro grupo que estava no princípio da eira, e de frente para o centeio, iniciou a malhada e ouvia-se o estrondo profundo, cavo, dos mangoais.

À medida que o primeiro grupo avançava no sentido do comprimento da eira, o outro recuava até ao outro extremo; depois de breves momentos de descanso para respirar fundo, à vontade, e para limpar o suor, o grupo que recuava avançava agora, por sua vez, até ao limite oposto da eira, fazendo recuar o outro grupo.

E neste vai-vem, os dois grupos procuravam dispendir a maior energia e força, à compita, a ver qual dos dois arrancava maior estrondo com os mangoais no centeio.

A alturas tantas, quando a palha que estava ao de cima já havia largado os grãos, uma «equipe» femenina entrou em acção e revolveu o centeio, passando para cima o de baixo e o de cima para baixo.

Concluída essa operação e depois de os homens terem descansado um pouco e bebido umas malgas de vinho, continuou o duro e exaustivo trabalho até ao fim da malhada.

O jantar e a merenda decorreram com intensa animação e exteriorizante alegria como é costume em todos os trabalhos do campo, no Minho, e o vinho, sempre fresco e em abundância, era o transmissor de uma dose de bom humor que transformava a malhada numa animada festa campestre.

Finja a malhada, «equipe» de alegres e ruidosas raparigas separou a palha do colmo.

A palha foi posta em medas para alimentação do gado no inverno e na primavera e o colmo foi atado em grandes feixes, para encher os enxergões das camas e para outros usos domésticos.

— O centeio, pròpriamente dito, foi levantado ao ar por grandes pás para o libertar da terra e depois foi limpo na tarara.

A produção foi grande, ultrapassando, em muito, a média normal por semente, e os cálculos, optimistas, do caseiro da Quinta do Vale ficaram a perder de vista, pois o campo desentranhou-se na quantidade e qualidade — porque o centeio produzido foi muito além das melhores previsões!

O centeio, durante dois dias, esteve na eira, estendido, a fim de secar completamente e, findo esse período de tempo, foi medido, a alqueires, e guardado nas grandes arcas de pinho.

Dois dias depois, o campo, que esteve a centeio, foi estivado, isto é, foi novamente lavrado, a fim de ser semeado de milho.

(CONTINUA)

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

CALDELAS